

UMA HISTÓRIA DA LEITURA DAS “CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA”

Atilio Bergamini

Universidade Federal do Ceará

RESUMO: O ensaio descreve a polêmica ocorrida nos jornais do Rio de Janeiro por ocasião da publicação da narrativa “Confissões de uma viúva moça”, de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, em 1865. Em seguida, considera a hipótese de que a polêmica literária se ergueu em meio a uma discussão política entre duas frações liberais representadas pelo *Diário do Rio de Janeiro*, onde Machado era redator, e pelo *Correio Mercantil*. Ao longo desse caminho, o argumento procura mostrar diversos modos de leitura e circulação da narrativa: na polêmica imediata, no jornalismo, em revista, em livro.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa no século XIX; Machado de Assis; História da Leitura

SUMMARY: The essay describes the polemic occurred in newspapers of Rio de Janeiro when Machado de Assis’ short-story “Confissões de uma viúva moça” was released in *Jornal das Famílias*, in 1865. Then, it considers the hypothesis that the literary polemic was part of a political discussion between two “liberal” parties represented by *Gazeta do Rio de Janeiro*, where Machado de Assis was journalist, and *Correio Mercantil*. Along this path, the argument seeks to show different reading schemes and some kinds of circulation of the short-story, *i.e.*, the immediate controversy in newspapers, the presence in a magazine, and, finally, in books.

KEYWORDS: Press in the 19th; Machado de Assis; History of Reading

1 Uma polêmica, passo-a-passo¹

¹ Este ensaio desenvolve hipóteses apresentadas na XIX *Semana de História da UNESP, História, Leitura e Cultura Midiática*, entre 10 e 12 de setembro de 2013. Naquela oportunidade, o título do trabalho era: “Confissões de uma viúva moça – relações de leitura e escrita no mercado de impressos em meados do século XIX”. Agradeço a Janaína Tatim e Valéria Cristina Bezerra por discutirem versões anteriores do texto. Os equívocos que deixei passar, é claro, são de minha responsabilidade. As pesquisas que resultaram neste artigo foram financiadas por uma bolsa de pós-doutorado da FAPESP e aconteceram no horizonte do projeto temático “A circulação transatlântica dos impressos e a globalização da cultura no século XIX”.

Era dia 01/04/1865 quando, nos apedidos do *Correio Mercantil*, O Caturra (um pseudônimo, convenção naquele tipo de espaço) criticou certo “romancito”, “Confissões de uma viúva moça”, publicado por um jornal “que se diz das famílias”. Poucos meses tinham se passado desde a conflagração da guerra no cenário do Paraguai.

A crítica alegava, com sarcasmo ainda hoje vívido, que, pela mostra do pano, os pais de família pés-de-boi poderiam inferir a qualidade do vestido exposto para as jovens leitoras do *Jornal das Famílias*. Mostra do pano significava que dois capítulos tinham aparecido e o resto da narrativa, que, nós sabemos, seriam outros cinco capítulos, ainda estava por ser publicado. Dois capítulos saíam no final de abril, mais três no final de maio. Mas, dizia O Caturra, dada a mostra do pano, convinha conclamar os pé-de-boi como ele a criticarem junto com suas filhas os “edificantes escritos” harmonizados com o “século reformista”.

Tudo isso dizia respeito aos capítulos I e II, como dito. Neles, a leitora ingênua e os leitores pés-de-boi encontravam uma viúva escrevendo cartas semanais para uma amiga. Na segunda dessas cartas, iniciada com a frase “Era no tempo do meu marido...”, a viúva relata o início de um flerte no teatro, com um desconhecido -- um flerte ocorrido no tempo de casada, portanto. Ao procurar se esquivar da atração que sentia pelo homem desconhecido, conta, correu para casa, onde buscou refúgio nos afagos do marido, que a rechaçou. O folhetim é interrompido com a narradora lembrando seu choro, na época, e fazendo uma pergunta: “Seria a primeira advertência do pecado?”

Além de argumentar que a crítica de O Caturra não levava em conta o conteúdo dos capítulos, a réplica ao apedido do *Correio* – assinada pelo autor da narrativa, J., e dada à luz no *Diário do Rio de Janeiro*, em 2 de abril – enfatiza o título da obra, o emblema do jornal e o nome do editor: “O romance intitula-se *Confissões* (...)”; “sr. Garnier, editor do *Jornal das Famílias*”; “o jornal do sr. Garnier”. Essa ênfase quase recobre a defesa propriamente dita, segundo a qual não havia na narrativa “uma só linha em que o vício seja endeusado”. Por consequência, O Caturra escrevera por desafeição a Garnier.

Em 11 de abril, Um Velho publicou, ainda no *Correio*, apedido que reproduzimos integralmente, por nem sempre estar presente nas discussões a respeito da polêmica:

Confissões de uma viuva moça.

Lemos o romance começado no *Jornal das famílias* com o titulo acima, e em seguida uma ligeira analyse sobre elle feita por alguém que assignou-se *Caturra*, o qual, não julgando o mesmo romance digno de ser lido por donzelas inexperientes, clamou para isso a atenção dos poucos pais conhecidos pelo apelido de *pés de boi*. Em seguida foi combatida semelhante opinião, dando-se-lhe como causal o desejo de prejudicar ao proprietário daquelle *Jornal das famílias*.

Nessa luta de opiniões, nós, que também pertencemos ao pequeno numero de pais escrupulosos, que não reputão como parte integrante da boa educação das filhas essa multidão de facecias banaes dos salões próprias somente dos dandys e leões da moda, vamos com justificado direito emitir também o nosso juízo a respeito, com o unico fim de auxiliar a verdade.

Razão teve de certo o *Caturra*, na observação que fez: pois o romance em questão, comquanto muito bem elaborado, não é próprio para a sua publicação naquelle *Jornal das famílias*; porque de cada phrase extraia uma dose não pequena de subtil veneno para ser aspirado e incubado nos inocentes corações das incautas donzellas.

Não queremos estabelecer polemicas, e por isso vamos terminar, pedindo também aos pais escrupulosos que não consintão a leitura de semelhante romance, embora as filhas os chamem *rabugentos*. Abracemo-nos com os preceitos da moralidade, e condenemos essas doutrinas perigosas pelas quaes daremos contas a Deos.

Um Velho.

O elogio à habilidade do escritor (“muito bem elaborado”) atualizava, de maneira sutil, uma antiga maneira de criticar romances, percebida, aliás, pelo perspicaz Caturra (que, nada impede, ser também Um Velho... ambos, por sua vez, podem ser lidos como posições discursivas, inclusive de autoria coletiva). É que dias após, em 1º de maio, em seguida ao início da circulação do número mais recente do *Jornal das Famílias* (o periódico costumava chegar de Paris por volta do dia 23-25 de cada mês, conforme atestam anúncios no *Diário do Rio* e no *Correio Mercantil*)², O Caturra subiu o tom. Representou o romance como “dos mais perigosos para a juventude”, “inconveniente e venenosa leitura para meninas”, desde o título “despertador de curiosidade”, um escrito “traçado por mão de mestre na especialidade erótica”, de sedutor fraseado, com sentimentos se esbatendo voluptuosamente, embora com hipócritas veleidades de pudor. Seguiu-se crítica da “civilização”, isto é, da ideia de

² Por exemplo: *Correio Mercantil*, 24/12/1862, p. 1, e *Diário do Rio de Janeiro*, 23/01/1863, p. 1.

uma mulher casada receber visitas sozinha, e um reforço do questionamento: seria o escrito digno da apreciação de donzelas? O Caturra se ocupou ainda de rebater o argumento, exposto na réplica de 2 de abril, de que fosse inimigo de Garnier, mas criticou a escolha editorial e remeteu a um “modelo”, o *Magazin des Dames et Demoiselles*.

Nem tanta liberdade de imprensa, meus senhores: já basta que entre nós tanto se barateie a reputação civil nos jornais, morificando-se assim a muitos chefes de família, poupe-se-lhes o que lhes resta de mais caro, a castidade nos santuários da família, e assim a respectiva reputação privada.

Agora, os leitores dispunham dos capítulos I a IV: no terceiro, o marido daquela que viria a ser a viúva narradora aparece, durante um baile, com um novo amigo: o desconhecido do teatro. A viúva, no tempo da escrita, faz reflexões a respeito do casamento por conveniência, que levaria à situação exposta. No quarto capítulo, há um diálogo entre os dois apaixonados e, em seguida, novas reflexões morais da narradora. Fica ressaltada desde já a forma da narrativa: os momentos de paixão e arrebatamento são sucedidos por momentos de reflexão moral. A estrutura parece estar pensada para enfatizar esses momentos de reflexão. Contudo, como se vê, O Caturra e Um Velho liam de outra maneira: para eles, os diálogos e as cenas chamavam mais atenção do que as reflexões morais. Pais escrupulosos, eles pensavam saber como o efeito de leitura se dava no coração de suas filhas donzelas. Sabiam ou pensavam que sabiam quais passagens da narrativa produziriam efeito e quais passagens sequer seriam notadas.

Fosse como fosse, a resposta à nova investida de O Caturra apareceu no dia seguinte, 2 de maio, dessa vez no *Correio Mercantil*. Nela, Machado de Assis afirmava ser o autor do romance que até então vinha assinado com “J.” e pedia que se aguardasse o resto do escrito para o julgamento da sua moralidade.

Em 4 de maio, O Caturra – reforçando argumento já mobilizado por Um Velho – assinalou não afirmar a imoralidade da narrativa, mas “apenas em relação ao seu órgão de publicidade”. “Ninguém de boa fé contestará que esse romance, embora bonito, é inconvenientíssimo para entretenimento de meninas”. De que adiantava a virtude brilhar no final se ao longo do enredo as meninas leitoras a sentiriam ofuscada pelos “relâmpagos das grandes paixões”?

No dia 9 de maio, “Uma mãe de família” defendeu no *Correio Mercantil* a moralidade da narrativa (e, sobretudo, do jornal), salientando o rigor do processo de Garnier na seleção dos colaboradores de seu periódico (“ele rejeita tudo o que contém menor alusão inconveniente”).

A resposta de O Caturra saiu no dia 15, a representar como injustiçada a voz do “sexo feio”, dos “pés de boi”.

Em 3 de junho (logo após a publicação dos capítulos V, VI e VII), Sigma defendeu – no *Correio Mercantil* – um espectro de ideias afins de temas recorrentes nas narrativas de Machado no *Jornal das Famílias*, como “O anjo das donzelas” e “Casada e viúva” (publicadas, respectivamente, em setembro e outubro de 1864 e em novembro de 1864). Segundo Sigma, a imprensa precisava combater a atmosfera artificial, o invólucro de santa ignorância em que viviam as moças de boa família, colocando-as em contato com a “sociedade”, suas artimanhas de sedução e vícios, bem como com as decepções inerentes ao casamento.

Com epígrafe de Bocage (logo quem!), “dos vícios o quadro a virtude apura”³, Sigma saiu-se com um parágrafo que poderia ser – e talvez tenha sido – escrito por Machado:

Quem estas linhas escreve não morre de amores pela escola realista, que por mais de uma vez tem censurado em suas mais descabeladas produções; não deixa todavia de reconhecer que, respeitado o decoro, como no romance *Confissões de uma viúva moça*, e observada a decência, tanto na linguagem como na pintura dos quadros, são esses escritos de subida vantagem para as famílias, conselheiras íntimas, roteiros seguros na senda da virtude.

2 Representações sobre o *Jornal das Famílias*

Em resumo, a polêmica teve início em abril, com uma crítica de O Caturra no *Correio Mercantil* e uma réplica no *Diário do Rio de Janeiro*. No dia 11 de abril, Um Velho entrou no debate, defendendo O Caturra. Do início a meados de maio, dias 1º (O Caturra), 2 (Machado), 4 (O Caturra), 9 (Uma mãe de família) e 15 (O Caturra), intensificou-se a “luta de opiniões” e, em 3 de junho (Sigma), a luta encerrou-se.

³ Não consegui localizar o original; talvez se trate de uma interpretação do poema “A pavorosa ilusão”. Machado utilizou referências a Bocage em pelo menos duas outras ocasiões no *Diário do Rio de Janeiro*. Lúcia Granja e Jefferson Cano discutem a questão na introdução à *Comentários da semana*. Campinas: Unicamp, 2008, p. 44 e 45.

Portanto, foram nove textos. Cinco defendendo a inadequação de “Confissões” em relação ao *Jornal das Famílias* (quatro de O Caturra, o outro de Um Velho) e quatro defendendo a adequação e utilidade social desse tipo de narrativa em tais periódicos (J., Machado de Assis, Uma mãe de família e Sigma – sendo o texto assinado por J. certamente de Machado e sendo o texto assinado por Sigma provavelmente de Machado).

O Caturra, além de apontar jocosamente para as relações entre a literatura e a moda (“pela mostra do pano”), e, portanto, para as relações entre o jornalismo e a expansão no Brasil de mercadorias importadas da Inglaterra e da França, demonstrava conhecer a proposta de uma economia de leitura baseada na vigilância dos pais sobre esposas e filhas. Ele e seu colega, Um Velho, atacaram a imagem de si continuamente proposta pelo *Jornal das Famílias*, em diversas das suas seções. Estava pressuposta no ataque uma imagem de um ideal de periódico disseminada na imprensa fluminense por Garnier.

Machado de Assis era um dos redatores do *Diário do Rio de Janeiro* quando a seguinte notícia foi publicada:

Esta publicação continua a merecer o aplauso de todos pela maneira com que cumpre fielmente seu programa e seu título. É propriamente um jornal de famílias, reunindo uma leitura amena e instrutiva a uma escolha de trabalhos de moda, figurinos, música, bordados, desenhos etc. Acresce a isso a impressão nítida e elegante feita em Paris, sob as vistas de cuidadosos diretores e revisores. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 21 de maio de 1864)

Este anúncio disfarçado de noticiário apresenta indícios, se não estamos enganados, de um conflito de imagens a respeito do trabalho de Garnier. Faria parte de um investimento do editor para responder críticas, como as de O Caturra e Um Velho. O anúncio reforça a ideia de que o jornal cumpria seu programa (mas para que isso? alguns estavam a dizer que não o cumpria?) e de que sua composição era cuidadosamente controlada por diretores e revisores competentes (posto sofrer, entre outras, críticas de que a composição na França minava os livros editados por Garnier de erros de composição tipográfica [SCHAPOCHNIK, 2004]).

Em certo sentido, O Caturra contrariou ponto por ponto os termos da publicidade no *Diário do Rio de Janeiro*, ao afirmar que o *Jornal das Famílias* descumpria seu programa e que a leitura nada tinha de amena, pelo contrário,

relampejava. Além disso, o polemista tomou posições irônicas em relação às reformas (que, no período, eram entendidas, em geral, como reforma política e educacional, separação entre religião e estado, abolicionismo), asseverando também que os homens seriam trabalhadores pés-de-boi, a sustentar a “civilização” (francesa e inglesa), quer dizer, o lazer das mulheres e dos dândis.

Todavia, há mais coisas nessa luta para lá do aspecto caricatural. Há uma contradição, por exemplo: o modelo de revista indicado por O Caturra é francês. O *Magazin* citado por ele, provavelmente com nome truncado⁴, indica uma estrutura do ato de ler da época, qual seja, comparar o que se fazia no Brasil com objetos culturais franceses e, sobretudo, tomar esses objetos como modelos. Diferentemente do apelo à moralidade, que pôde reivindicar entrada somente na discussão das relações entre narrativa e periódico, a comparação com objetos franceses ocorreu em todas as posições de leitura provocadas pela narrativa.⁵

Pés-de-boi *versus* civilização. Moral e França. Talvez não seja desmedido argumentar que o *Jornal das Famílias* procurava se inserir no mundo dos plantadores de café, tomando para tanto vilas, fazendas e o interior do país como espaços narrativos privilegiados. “*Virginus*: narrativa de um advogado” é exemplo disso. Assinada por Machado de Assis e publicada em meados de 1864, conta a história de um sitiante a transitar entre fazendas de café, fugindo da devassidão de maus proprietários e de bacharéis.

Sitiantes, tropeiros, camaradas, capangas, agregados e agregadas de todos os tipos recorrem nos textos publicados nos primeiros anos do *Jornal das Famílias*, assim como fazendeiros de café, donzelas, viúvas e esposas. Os dilemas que enfrentam via de regra se relacionam aos novos valores trazidos pelo mundo da “civilização”, não raro alegorizado na figura do “bacharel”. Sob certos aspectos, seria o dilema em que se colocava parte do jornalismo brasileiro (e dos jornalistas) do período. “Tanto mais se ligavam ao mundo”, escreve o historiador Ilmar Roholoff de Mattos, a respeito dos

⁴ Circulava então o *Le Miroir Parisien: Journal des Dames e des Demoiselles*. Prometia moda, literatura, teatro, música, etc. Era um periódico parecido com o *Jornal das Famílias*. Até mesmo os motes publicitários (o mais bem impresso, o mais bem escrito) se assemelhavam. Ver <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32816751h/date>. Acessado em 14/07/2016.

⁵ Talvez seja oportuno notar que Brito Broca retomará esse modo de ler em meados do século XX, ao pensar as “Confissões” como um *Madame Bovary* brasileiro. Ver “Entre a Política e as Letras”. In: _____. *Machado de Assis e a política*. São Paulo: Polis;INL, 1983. p. 48-53.

consumidores de cultura na região cafeeira, “quanto mais aprofundavam as características coloniais da produção que lhes dava vida. Os artigos de luxo europeus eram adquiridos na Rua do Ouvidor com os rendimentos gerados pelo trabalho escravo” (2011, p. 79).

3 Conflitos entre liberais e as “Confissões”

Há nos comentários de O Caturra um imaginário a respeito de conflitos entre gêneros, gerações, posições no mundo econômico, concepções a respeito do trabalho de Garnier e, talvez, conflitos a respeito do destino do partido liberal.

Sobre esses últimos, Brito Broca (1983) apontou que, ao longo de 1865, Machado vinha atacando, nas páginas do *Diário de Rio de Janeiro*, o gabinete liberal de Furtado, enquanto o *Correio Mercantil* defendia esse mesmo gabinete.⁶ Em 4 de maio, portanto em meio às discussões a respeito das “Confissões”, um apedido qualificou o folhetinista do *Diário*, isto é, Machado, de “traquinas desabusado”, eco das opiniões políticas e das paixões odientas do “impertinente pai”, ou seja, do *Diário*.

A divergência entre liberais, a que Broca se refere, teve início em novembro de 1864, pouco antes de a Guerra do Paraguai ser deflagrada. Naquele momento, o *Diário* atacou o ministério de 31 de Agosto, por discordar da indicação, pelo ministério, do conselheiro José Maria da Silva Paranhos, mais tarde Visconde de Rio Branco, como enviado extraordinário nos conflitos na região do Prata. O *Correio Mercantil* saiu em defesa de Paranhos – outrora diretor do próprio *Correio* – e acusou O *Diário* de promover desnecessário desacordo entre os membros do partido liberal (CORREIO MERCANTIL, 26 de novembro de 1864). Mais tarde, quase no fim da Guerra do Paraguai, o periódico teria uma guinada conservadora e encerraria as atividades (cf. FONSECA, 1941, p. 312-313).

A cisão se acirraria quando, logo após a chegada de Paranhos ao cenário das discussões diplomáticas entre Brasil, Paraguai e Uruguai, em 2 dezembro, Lopez declararia guerra em apoio aos Blancos uruguaios, seguidores de Aguirre, recém

⁶ O período que vai do início dos anos 1840 até o início dos anos 1860 é considerado por muitos historiadores como o “Tempo Saquarema”, isto é, período em que gabinetes conservadores deram a

derrotados por tropas brasileiras e uruguaias. O *Diário* passou a argumentar que houve falta de habilidade diplomática, da parte de Paranhos, que atuara por três anos na diplomacia nas questões do Prata. Contrariamente, o *Correio* continuou defendendo as ações do liberal e maçom Paranhos, que, ao lado de Zacarias de Góes e Vasconcelos compunha com o ultraconservador Olinda um novo período de “conciliações”.⁷

Isso tudo sugere que seria adequado começarmos a discutir o apedido de 4 de maio no horizonte das leituras a respeito das “Confissões”. Não porque ele ajudaria a definir de uma vez por todas o caráter do conjunto de apedidos, isto é, se foram autopublicidade de Garnier ou se foram uma polêmica liberal, mas porque ele ajuda a pensar as correntes políticas que organizaram o sistema literário no momento de sua consolidação. Se a hipótese levantada mas não desenvolvida por Brito Broca está correta, ler e escrever literatura eram atividades suficientemente importantes naquela formação social para que o reconhecimento ou a crítica de uma obra literária se irradiasse para outros setores da sociedade, como a política.

4 Ler apesar do lido

Um trecho da narrativa tal como apareceu no jornal foi cortado quando Machado a republicou em livro. Reproduzimos as versões, lado a lado.

Trecho publicado no <i>Jornal das Famílias</i> , em 1865	Trecho modificado, nos <i>Contos Fluminenses</i> (1870)
As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa póde fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal. Dou-te minha palavra de que has de gostar e aprender. E oito dias depois da minha última carta irei abraçar-te, beijar-te, agradecer-te. Tenho necessidade de viver. Estes dous annos são nulos na conta de minha vida: forão dous annos de tédio de desespero intimo, de orgulho abatido, de amaor abafado.	As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa póde fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal. Dou-te minha palavra de que has de gostar e aprender. E oito dias depois da minha última carta irei abraçar-te, beijar-te, agradecer-te. Tenho necessidade de viver. Estes dous annos são nulos na conta de minha vida: forão dous annos de tédio de desespero intimo, de orgulho abatido, de amaor abafado.

direção do governo imperial. Com a retomada de posições ministeriais pelos Luzias, ficaram mais acirradas também as divergências dentro do campo liberal. Ver Mattos, *O Tempo Saquarema*.

⁷ A posição liberal do *Diário do Rio de Janeiro*, desde sua refundação, em 1859, até a entrada de Machado de Assis em sua redação, está sintetizada pela já referida introdução de Lúcia Granja e Jefferson Cano à edição da série de crônicas *Comentários da semana*. Ver principalmente p. 24-25 e 35 a 37.

Tinha uma companheira meu infortúnio: era aquella Poetica franceza de que sempre gostei tanto, e que não me esqueci de introduzir na mala de viagem. Era a Desbordes Walmore. Lia e relia aquellas elegias tão repassadas de sentimento, tão simples de phrase, tão vivas de inspiração e de espontaneidade. Não disse já outro poeta: “Lire des vers touchants, les lire de un coeur pur C’est prier, c’est pleurer, et le mal est moin dur? Lia, pois. Mas só o tempo, a ausencia, a idéa do meu coração enganado, da minha dignidade ofendida, puderão trazer-me a calma necessaria, a calma de hoje.	Lia, é verdade. Mas só o tempo, a ausencia, a idéa do meu coração enganado, da minha dignidade ofendida, puderão trazer-me a calma necessaria, a calma de hoje.
--	--

Como apontou Regina Zilberman (2008), em artigo no qual, entre outras coisas, compara essas versões, a primeira coluna deixa ver o que provavelmente foi o mote da narrativa, um poema da francesa Marceline Desbordes-Valmore, “Aveu d’une femme”, “Confissões de uma mulher”, no qual um eu-lírico mulher se reporta a uma amiga para confessar ter se apaixonado: “Savez-vous pourquoi, madame,/ Je refusais de vous voir?/ J’aime! Et je sens qu’une femme/ Des femmes craint le pouvoir” (tradução livre: “Senhora, você sabe por que/ eu recuso te ver?/ Eu amo! E sinto que uma mulher/ teme o poder das mulheres”)⁸.

Podemos acrescentar a essa informação o fato de que Alphonse Lemerre foi editor de Gautier e da obra poética de Valmore. Como veremos a seguir, o jornal *A Reforma* elogiaria os *Contos Fluminenses* remetendo-os ao estilo de Gautier e Nerval. Ambos (ao lado de Vitor Hugo, Gozlan e Musset) seriam elogiados por Machado de Assis no ensaio “Notícia da atual literatura brasileira”, de 1873, o que atesta a permanência dessas referências como argumento de autoridade, bem como o impacto das publicações daquele editor francês em pelo menos um círculo de letrados no Brasil.

Machado também suprimiu os dois versos buscados de Sainte-Beuve, em crítica publicada na *Revue des Deux Mondes*, em 1841.⁹ Nela, Sainte-Beuve, que

⁸ Outro artigo de Zilberman também menciona as duas versões da narrativa: “Autores entre o testemunho e o arquivo”. *Patrimônio e memória*, v.4, n.2, jun. 2009, p. 74-99. As cartas de mulheres para mulheres eram uma estratégia ficcional de relativo sucesso desde o início da circulação de romances no Brasil. Garnier vinha publicando romances com esse mote. Referimos alguns desses romances na seção 8, ao final deste ensaio.

⁹ *Revue des Deux Mondes*, quatrième série, tomo 27, 1841, p. 779-790. Também disponível em www.gallica.fr.

vinha batalhando contra o que chamava de “literatura industrial”¹⁰, elogiava o poema narrativo *Marie*, publicado pela primeira vez dez anos antes, na Petite Colletion Rose, de, é claro, Alphonse Lemerre.¹¹ Em seus elogios, Sainte-Beuve ressaltava a qualidade poética da escrita de Brizaux. Mesmo na prosa dos prefácios e comentários, comentou Sainte-Beuve, a pena de Brizaux parecia com brasas ardentes ou então um passeio noturno no pavimento molhado (REVUE DES DEUX MONDES, 1841, p.781).

Além das supressões feitas por Machado, talvez seja relevante prestar atenção também no que ele não suprimiu: a justificativa ficcional – moral para todos os efeitos – para as confissões da viúva: “a lição há de servir-me, como a ti, como às nossas amigas inexperientes. Mostra-lhes estas cartas; são folhas de um roteiro que se eu tivera antes, talvez não houvesse perdido uma ilusão e dois anos de vida”.

Mas não é só isso. A ficcionalização do ato de ler, presente no trecho, sugere que a narradora, embora encontrasse consolo na leitura, somente encontrou a “calma necessária” quando deixou as leituras de lado e passou a se entender com a experiência vivida. Assim, as cartas se apresentavam ao mesmo tempo como vida real transformada em literatura e como literatura que tenta se passar como vida real, lição etc.

Os diversos passos da polêmica e a própria narrativa formam um conjunto não pequeno de imagens tão conflitantes quanto combinadas sobre os atos de ler e escrever. Ainda assim, um ponto é recorrentemente estabelecido: boa literatura é o que os franceses, a poética francesa, as revistas francesas, os escritores franceses fazem. Por outro lado, boa literatura significa atentar para a vida como ela é, reduzindo os livros às necessidades e às pressões da realidade dos leitores e leitoras.

Pascale Casanova (2002) escreveu que o capital literário “francês” é *também* patrimônio universal. De acordo com ela, graças a essa particularidade de poderem ser universalizáveis, desnacionalizados, os espaços literários podem ser reconhecidos como (relativamente) autônomos. “O patrimônio literário é um instrumento de liberdade com relação às exigências nacionais” (p. 115). O espaço francês consagra,

¹⁰ Em 1839, Sainte-Beuve publicara na *Revue des Deux Mondes* o ensaio “Da literatura industrial”, que se tornou um marco nas demandas pela deslegitimação do folhetim e da literatura produzida para o mercado. A revista *Remate de Males*, 29(2), jul. a dez., 2009, publicou uma tradução do ensaio feita pelo professor Jefferson Cano.

¹¹ A primeira edição de *Marie* pode ser consultada em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k826493/f6.image>. Acessado em 14/07/2016.

legítima, autoriza. Este espaço é disputado por frentes políticas, econômicas, editoriais, morais, religiosas, até que não reste dele senão certa aparência de pureza, a pureza consagradora da literatura.

Foi esse talvez um dos mecanismos pelos quais a “literatura universal” pôde ser lida e usufruída, além de escrita, na sociedade escravista brasileira.

5 O livro nos jornais

A Reforma, do Rio de Janeiro, a 10 de fevereiro de 1870, publicou a seguinte nota:

O Sr. Machado de Assis ainda está recebendo os merecidos aplausos, motivados pela aparição das *Phalenas*, e já oferece ao publico um novo volume, que honra o muito talento do jovem escritor.

Depois de uma formosa collecção de poesias, uma delicadissima serie de *contos*, tão recomendáveis pelos atavios romanescos como pelo primor e castigado do estylo.

Sempre poeta distincto, quer escreva versos como os das *Phalenas*, quer prosa como a dos *Contos Fluminenses*, o sr. Machado de Assis sabe adornar os seus livros com galas sedutoras.

Alguns d’esses romancetos e phantasias, no gosto dos melhores contos de Theophilo Gautier ou de Gerard de Nerval, já são conhecidos do publico, e todos eles confirmam o bom conceito litterario que gosa o Sr. Machado de Assis, a quem comprimentamos cordialmente.

Louvores ao Sr. Garnier, editor de mais esse bom livro brasileiro, pelos serviços que vai prestando.

O “sr. Garnier”, imigrante francês, é o cumprimentado editor “desse bom livro brasileiro”, contendo contos “fluminenses”, impressos numa tipografia francesa, num estilo tão recomendável quanto o de escritores franceses. Para além de ser brasileiro inscrevendo-se no sistema de referências transatlânticas, Machado significava desde então uma trajetória. A nota inscreve os contos, romancetos e fantasias na história do “poeta distinto” e aponta, sem explicitar, a razão pela qual eram conhecidos do público: terem aparecido no *Jornal das Famílias*. A nota como que alienava os contos de seu sistema inicial de produção, circulação e consumo. Inscrevia-os num sistema pretensamente mais amplo e sublime, constituído por autoria, livro, nacionalidade e referências “ocidentais”, isto é, francesas.

Na versão da narrativa publicada nos *Contos*, Machado suprimiu a alusão a Saint-Beuve e, de outra maneira, a Valmore, ambas remetendo ao editor Lemerre. Dessa maneira, o leitor do livro já não tinha elementos materiais imediatos, nem nas “Confissões”, nem em nenhum outro conto recolhido no livro, para dizer que se tratava de contos “no gosto dos melhores” de Théophile Gautier e Gerard Nerval. (É curioso, aliás, que o elogio aqui feito à qualidade poética da prosa de Machado se parece bastante com o elogio que Sainte-Beuve fez ao autor de *Marie*.)

Julgamos ver aí uma inversão. Quando o poema de Valmore – e, portanto, a ligação com a literatura francesa, representada posteriormente na crítica d’*A Reforma* pelos nomes de Gautier e Nerval – estava presente na narrativa, esta foi lida por O Caturra a partir de uma relação entre a narrativa e o projeto editorial do jornal. Quando a ligação havia sido apagada, a narrativa foi lida pelo jornalista (ou publicista) de *A Reforma* na sua relação com aquele “gosto” francês.

Esse não ler o que está lá e esse ler o que não está lá sugere um processo de acomodação da novidade trazida pelos contos em modos familiares de ler ou mesmo em interesses editoriais (como discutiremos em seguida). No presente caso, a relação de leitura se autonomizou, ou, caso queiramos, reificou-se em perspectivas e disposições que as “Confissões” (e o complexo editorial e político de sua publicação) em parte desestabilizaram, em parte acataram e reproduziram.

Em sentido forte, ler, pelo menos desde a perspectiva dos homens de letras que tinham espaço nos jornais fluminenses, demandava inserir o lido no concerto das Nações Civilizadas, aqui significando aproximar Brasil e França. Outros, porém, percebiam esse movimento como algo criticável e, à ligação do Brasil com a “civilização”, preferiam que o Brasil fosse dirigido, ao menos moralmente, mesmo que não o fosse possível intelectualmente, pelos pés-de-boi, trabalhadores.

Essa luta pelo estabelecimento da direção moral tanto da nação quanto do espaço privado apareceu em meio a processos econômicos e sociais que não temos condições de descrever aqui, mas que passam pela intensificação dos contatos entre as regiões do Brasil com a França e a Inglaterra, o que ampliou também a disseminação de livros, revistas e outros produtos da “civilização” (francesa e inglesa) pela região cafeeira, que, àquela altura, avançava pelo vale do Paraíba, começava a avançar para o

oeste de São Paulo e pelo sul de Minas (MATTOS, 2011, p. 142 e *passim*). Em “*Virgilius*”, referido anteriormente, Machado fabulou o conflito entre “civilizados” e o proprietário de uma fazenda de café. A indicar a complexidade das relações que estamos tentando compreender está o fato de que, naquela oportunidade, o escritor e o jornal foram simpáticos ao cafeicultor (que talvez fosse um público leitor a ser conquistado). Machado esteve, então, mais próximo de ser um Caturra do que um Machado.

Outro exemplo dos mecanismos de leitura aqui expostos: em 17 de fevereiro de 1870, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou uma resenha a respeito dos *Contos Fluminenses*. Desta vez, o escritor francês a que se recorreu para uma comparação foi “Alfredo de Brehat”. O *Diário* havia publicado um folhetim deste escritor, *Os Caminhos da Vida*, em 1866. Outro romance dele, a quatro mãos com Octavio Ferre, sairia em 1867 e 1868 no *Correio Mercantil* (cf. HEINEBERG, 2004, anexos, pp. 46 e 54). Brehat foi lembrado a propósito de “Miss Dollar”, narrativa que abre os *Contos Fluminenses*, com um “perfume encantador” e um desenlace surpreendente. “Nas *Confissões de uma viúva moça*”, diz a resenha, “o estylo do romancista (...) é propriamente o estylo descriptivo, a analyse de sentimentos intimos, sob a fôrma epistolar a mais caprichosa”.

Ao que parece, o jornalista do *Diário do Rio de Janeiro* lê algo que não está exatamente no que é lido. Há evidente interesse em divulgar, na comparação crítica, a qualidade das obras escolhidas para figurar no folhetim do jornal. Ler, uma vez mais, concerne em fixar interesses disfarçados em remissões, ora mais, ora menos hábeis, ao “universal” literário francês. Seja por qual razão for, não há menção, no artigo do *Diário*, aos aspectos morais dos contos. Mas há menção ao *Jornal das Famílias* e à Garnier.

6 O jornal e o livro

Ainda que as polêmicas entre liberais e a legitimidade da literatura como produto da “civilização” tenham constituído a escrita e a leitura das “Confissões”, há alguns elementos mais específicos desse processo que precisam ser levados em conta. Eles dizem respeito, em parte, à posição de Garnier no mercado editorial brasileiro e

também aos esforços de Machado – desde as primeiras narrativas publicadas no *Jornal das Famílias* – em tornar imanentes à forma literária características do projeto editorial do periódico. Em dado momento, o viés “universal” era tão autoevidente, que poderia ser apagado. No caso das “Confissões” e do *Jornal das Famílias*, o desafio era propriamente inscrever o público leitor no imaginário “universal”. Para isso, era fundamental levar em conta a realidade desse público leitor.

A questão do “universal” ajuda a entender porque Machado pôde suprimir na segunda versão do conto as passagens contendo nomes e referências francesas. Uma hipótese para dar sentido a isso seria a seguinte: ler um livro demandava remetê-lo ao universal-francês, não havia necessidade de o escritor fazer isso na forma de sua escrita. Tanto é que as referências francesas apareceram nos diversos textos jornalísticos sobre os *Contos fluminenses*, mesmo não havendo referências francesas explícitas nos contos citados. Concomitantemente, o viés moral precisava ser explicitado, sem o que, por hipótese, os vínculos entre Machado, Garnier e seu público almejado no complexo cafeeiro poderiam se esfacelar.

“Confissões de uma viúva moça” foi a única narrativa escrita por Machado de Assis desde o ponto de vista de uma mulher e talvez a primeira narrativa brasileira com essa característica¹². O romance de adultério (ou quase adultério) era também pouco recorrente na tradição literária nacional, embora fosse comum na gama de traduções que circulavam desde a chegada da Impressão Régia. Ou seja, essas novidades no conjunto da produção nacional não eram novidades no conjunto do consumo de literatura, ladino em adultério pelo contato com romances franceses e com o teatro realista francês. A história da escrita e a história da leitura no Brasil estavam por vezes em passos distintos – discrepância que, como já vimos, gerou conflitos.

Isso fica mais visível quando reparamos que no caso de “Confissões”, ao que parece, as duas formas de circulação – em periódico e em jornal – fomentaram relações de leitura distintas. O imaginário – motivado por publicidade disfarçada ou

¹² Zilberman, 2008, p. 162: “Mas certamente estaria consciente de que relatos ficcionais – ou memorialistas, então tão raros em língua portuguesa, ou de viagem – enunciados por uma mulher ainda não tinham sido produzidos pela literatura brasileira, mesmo quando a autora pertencia ao sexo feminino”. Em nota: “Maria Firmina dos Reis escreveu o conto ‘A escrava’, em que interpola a narrativa em primeira pessoa, enunciada pela personagem do título. Esse texto, porém, foi publicado em 1887”.

por indignação política sincera – em torno da narrativa no periódico vindicava que ela se coadunasse com a função do periódico (um jornal de família, para mulheres de família); enquanto o imaginário mobilizado pelo suporte livro – se aceitarmos o jornal *A Reforma* como exemplo suficiente – inscrevia a narrativa no universal-francês.¹³ No primeiro caso, ressaltou-se a moralidade. No segundo, o primor e o castigado do estilo.

Essas duas formas de circulação precisam ser entendidas em sua dialética. Nada mentiria mais a respeito do processo de formação social dessas circulações do que entendê-las como antônimas. A polêmica no jornal preparou o momento posterior da consagração no livro; a consagração no livro existiu porque a narrativa foi reconhecida e publicizada em jornais.

Mais fundamental do que isso é entendermos a especificidade das diferenças entre ler e escrever uma narrativa num jornal e ler e escrever uma narrativa num livro no século XIX brasileiro. E, além disso, é preciso atentar à especificidade das funções que a narrativa de Machado cumpria no *Jornal das Famílias* -- mas não somente no *Jornal das Famílias*.

A discussão entre as constrações impostas pelo suporte e pelo periódico recorrem na imprensa do período. Era tão imediatamente reconhecível pelos leitores, que foi lembrada na apresentação das primeiras fases da *Revista Brasileira* (1855, 1857, 1879), que se propunha a educar seu público para uma transição de uma leitura dispersa de jornais para uma leitura concentrada de livros. O mesmo ocorreu com a *Revista Popular*, periódico que foi substituído pelo *Jornal das Famílias*: em anúncio no *Correio Mercantil* de 4 de janeiro de 1862, Garnier achou por bem enfatizar a pressuposição de que o jornal estava por substituir o livro. Não há no anúncio qualquer espanto com essa afirmação. Pelo contrário, em tom tranquilo, ele procura avançar na pressuposição, afirmando que a revista substituiria o livro na tarefa de publicar “matérias de vital interesse público”.

Por tudo o que se disse, quase se poderia falar em duas “Confissões”: uma é a do mestre do erotismo; a outra, a do mestre da literatura. Uma é a do jornalista; a

¹³ Para uma discussão a respeito do jornal como um sistema no qual cada seção realiza funções distintas, ver o estudo de Marie-Ève Therénty, *La littérature au quotidien*.

outra, do escritor. Uma é a do polemista; a outra, do gênio. Uma é a do público, a outra, do familiar. Uma, do mercador; a outra, do literato. Uma, do jornal; a outra, do livro. E dizemos “quase se poderia falar”, porque esses critérios trazem implícita uma série de avaliações, às quais a pesquisa não deve aderir imediatamente.

Garnier tinha interesse em vender sua revista, logo estava propondo um papel social, por assim dizer, um valor de uso, para sua mercadoria. Nada o impedia de, ao mesmo tempo, incitar de todas as maneiras possíveis a compra dos livros que editava. De todo modo, o conjunto de textos e ilustrações publicados pelo *Jornal das Famílias* parece indicar a necessidade de desconstrução do papel de mulher proposto pela literatura, para que as mulheres lidassem com a vida concreta, os dilemas e conflitos do casamento, os sedutores, a dureza das traições dos maridos, os limites do casamento. E isso, somente periódicos poderiam fazer.

Fica claro aqui o quanto um problema posto pelo projeto editorial do jornal foi pensado, por Machado, como uma característica da narradora das “Confissões” e, assim, tornado forma estética: a viúva deseja instruir e deleitar a amiga. Faz isso citando referências francesas; deixando instruções morais claras; refletindo a respeito das seduições de um “bacharel” e da vida digna em um casamento com um marido trabalhador. Portanto, as demandas do projeto editorial foram pensadas junto aos modos de ler efetivos naquele momento. Ao mesmo tempo, aquelas demandas tornaram-se instâncias “estéticas”, na medida em que passaram a ser justificadas pela experiência de vida e pelos conflitos da personagem e da narradora. Tornaram-se características do que Machado chamaria, anos depois, “pessoa moral”.

Então, o *Jornal das Famílias* defendia um espaço público na “castidade privada”. Este espaço fundamentava a existência de uma imprensa para mulheres, mas precisava ainda ser construído. Por isso, quando O Caturra reivindica que “a castidade nos santuários da família” não seja maculada pelo jornalismo público, ele está, ocasionalmente ou não, tocando no nervo da prática de escrita e leitura que o jornal tentava construir desde a mudança de nome, de *Revista Popular* para *Jornal das Famílias*.

Os corações e mentes das donzelas estavam em franca disputa – pensavam os homens. Por essa razão a ideia de que certas ficções precisavam ser bem escritas para

que seus vícios e imoralidades pudessem ser aceitos pela pureza das leitoras recorreu nas discussões a respeito da legitimidade do gênero romance. Essa lógica crítica estava naturalizada no horizonte do que talvez pudesse ser chamado de cultura ficcional transatlântica. A partir dos trabalhos de Márcia Abreu, entre outros, é possível sugerir a permanência dela, desde as atividades da Real Mesa Censória até o período em que “Confissões” era lido pela primeira vez.¹⁴

Elogiar o estilo, a forma, a composição de uma ficção talvez fosse também uma maneira de salientar certas habilidades cínicas e hipócritas dos escritores e editores, que assim mais facilmente disseminavam doutrinas criticáveis (a civilização e a reforma) no recanto mais puro do mundo privado fluminense. Uma vez mais, os argumentos de O Caturra souberam ir direto ao ponto.

7 De tudo para todos: sexo, paixão e literatura universal na região cafeeira

“Seios moles, hálito forte, gengivas e lábios descorados, perda da umidade nos olhos, sardas, espinhas, botões no rosto, diminuição do tecido muscular, perda da memória, da razão, morte lenta e penosa”, assim o médico José Ricardo Pires de Almeida descreve, já no início do século XX, a condição das mulheres que, sob efeito de leituras impróprias, entregavam-se ao clitorismo, ou seja, à masturbação (EL FAR, 2004, p. 199).

No que tem de risível, a lista deixa perceber um campo de conflitos que tinha como base a circulação de narrativas. Os livros a que se referia Pires de Almeida eram os mesmos criticados por literatos como Machado de Assis, entre diversos outros. Porém, a crítica ao que pensava serem maus romances nunca distanciou Machado dos movimentos do mercado editorial do seu tempo. Testemunha a esse respeito o fato de

¹⁴ Em “O Templo de Jatab: um romance licencioso publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro” (*Revista Floema*, n. 9, 2011), Márcia Abreu reproduz parecer exarado por um frei para a Real Mesa Censória, a respeito de *A história de dous amantes ou O Templo de Jatab*. “Só por uma veemente sugestão de Asmodeos, podia este depravadíssimo Autor escrever tanta indecência, e sustentar a longa série de obscenidades, q’são precisas para encher trez livros. Alem deste veneno, tem o atractivo de hum estilo agradável, q’concorre para o fazer mais nocivo”. (Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/789>. Acessado em 01/11/2013.) Antonio Candido também discutiu, em dois artigos (“O patriarca” e “A timidez do romance”), a recorrência do argumento da “pílula dourada”, na defesa ou ataque de romances. A ideia de “pílula dourada” se relaciona – às vezes parece uma facilitação – da concepção de decoro e verossimilhança, que fez fortuna na França neoclássica e esteve sempre presente na maneira de ler e escrever de Machado de Assis.

Garnier estar vendendo, no mesmo ano da publicação das “Confissões”, livros chamados *A Força de uma Paixão*, *Novas Cartas Amorasas*, *por uma Apaixonada* e *O Perigo das Paixões*, *Conto muito Moral*, *Seguido de uma Analyse Sobre as Paixões*.¹⁵ Não é improvável que Machado estivesse aprendendo com seu editor algumas hipóteses a respeito do que o público leitor almejava.

Ao longo da segunda metade do século XIX, o Brasil conheceu um aumento na quantidade de títulos de romances publicados e entre os títulos de maior circulação, num momento de consolidação desse processo, estavam “romances de sensação” e os “romances para homens”. Os primeiros encadeavam reviravoltas, crimes, erotismo e redenção ou queda, enquanto os últimos se compunham de uma sucessão de cópulas, muitas vezes enfeixando moral. Em 1880 era possível publicar no Brasil livros com títulos como *Cartas Pornográficas de D. Pedro I* ou então *Os Amores Secretos de Pio IX*. Esse é, sintetizando bastante, o argumento do livro de Alessandra Al’Far, *Páginas de Sensação*.

Guardadas as proporções, quem pensaria, hoje, nas *Cartas Pornográficas do Generalíssimo Médici* ou então n’*Os Amores Secretos de João Paulo II*? A comparação esdrúxula pode servir, apesar de tudo, para entendermos o alcance da relativa autonomia em relação aos poderes políticos e religiosos que livreiros e tipógrafos construíram ao longo do reinado de D. Pedro II (1840-1889).

Pode-se talvez falar da crescente importância das razões de mercado – comparadas com as razões imediatamente partidárias, políticas ou religiosas – na determinação da atividade dos livreiros e editores no Brasil, o que impunha mudanças de estratégias mesmo em agentes ainda ligados à igreja, ao Império, ou a ambos.

Quando B. L. Garnier ascendeu no mercado editorial fluminense, na década de 1860, lançou a *Revista Popular* (1859-1862). De 1859 a 1862, contudo, procurou atender o mercado explorado por periódicos anteriores, como *O Guanabara*, *O Espelho* e *Nova Minerva*. O objetivo era “uma leitura para todos”,

homens e mulheres, velhos e moços, estadistas e eruditos, comerciantes e industriais, lavradores e artífices buscam e acham artigos e notícias que os instruem, os divertem, os entretêm sem causar-lhes fadigas. Bem se vê que tal livro era uma verdadeira necessidade porque nem todos têm o tempo de estudar os *in-folio* das bibliotecas, e de outro lado os jornais se ocupam com

¹⁵ De acordo com um catálogo inserido em livro, em 1865.

certas e determinadas questões. Faltava a leitura das horas vagas para todos, a Revista veio preencher esta lacuna.

Além da linhagem de periódicos que vinha desde os anos 1820, ele também se aproveitou do exemplo de periódicos franceses, como *La Mode Illustrée: Journal de la Famille* editado em Paris pelos irmãos Firmin Didot, que prometia, em seu cabeçalho, desenhos de moda, trabalhos de agulha, belas-artes, música, novidades, crônicas, literatura, além do citado *Journal des Dames e des Demoiselles*.

Alexandra Santos Pinheiro (2007) chegou a uma lista maior de periódicos com propósitos semelhantes, todos circulando e/ou sendo escritos no Brasil. Caso essa relativa homogeneidade seja confirmada por pesquisas específicas a respeito de cada um dos periódicos, precisaremos levar em conta o impacto desse regular e duradouro conjunto de ideias para a formação dos escritores, suas práticas, suas estratégias. Uma quantidade excessivamente grande da pesquisa em literatura no século XIX ainda se baseia nas relações entre a escrita e certa tradição literária, deixando em segundo plano ou ignorando as relações entre a escrita e constrições mais concretas e presentes na prática literária, como projetos editoriais de periódicos, habilidades de leitura dos leitores concretos, discussões jornalísticas sobre a função social das narrativas etc.

A proximidade entre a ideia do que era um bom periódico e do que era uma boa ficção especifica um pouco mais onde devemos procurar para produzir nossas perguntas. “Instruir e deleitar” foi um *topos* crítico no jornalismo fluminense do século XIX e em cursos, manuais e histórias da literatura, a exemplo do *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, de Francisco Sotero dos Reis: “o fim da literatura é instruir deleitando, ou tornar, por um trabalho tão proveitoso como agradável o homem melhor... pondo-lhe constantemente diante dos olhos o protótipo do belo, do grandioso, do sublime, do justo, do honesto” (1866, p. 4).

Em algum ponto, os propósitos explicitados pelos editores dos jornais coincidiam com aqueles explicitados por legitimados críticos literários e aqueles tematizados por literatos em suas obras. Na composição das “Confissões”, é possível perceber um processo de “redução estrutural” para o literário do que ao mesmo tempo constituía estratégia de venda de jornais, crítica literária, projeto editorial etc. Creio que a isso Lúcia Granja se referia em seu artigo recente a respeito das “Confissões”:

essa narrativa e suas leituras fazem ver as relações entre “consciência das formas literárias”, “seu veículo” e “seu público”.

O *Jornal das Famílias* resultou de um acúmulo de trabalho simbólico e material, tanto do próprio Garnier, quanto de diversos outros editores. A partir desse acúmulo, Garnier conseguiu um diagnóstico a respeito do que poderia oferecer para o público e de quem era, concretamente, esse público.

Para termos uma ideia, o número do *Jornal das Famílias* em que “Confissões de uma viúva moça” foi lançado continha as seguintes seções, além da narrativa machadiana: Viagens (Uma viagem ao sul do Brasil), Mosaico, Poesia (Dorme e sonha/ A uma menina), Modas. A literatura e a moda são enfatizadas tanto pelo número de páginas que ocupam (quase dois terços do total de páginas) quanto por se localizarem nas duas pontas, o início e o fim, do jornal, que se apresentava como um todo coeso. A narrativa, dentro desse todo coeso, tinha funções específicas, acatadas e transformadas pela escrita literária de Machado de Assis.

Na *Revista Popular*, esperava-se que a literatura fosse um momento de relativo relaxamento do espírito; no *Jornal das Famílias*, a formulação mudou um pouco:

Mais do que nunca dobraremos os nossos zêlos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao paiz, á economia doméstica, á instrução moral e recreativa, á hygiene, n’uma palavra, ao recreio e utilidade das famílias.

Diretrizes de um editor, pressões do público e posição do escritor: três distintos desejos de literatura, numa renhida luta por reconhecimento. A expansão do capital literário francês e a universalização de referências literárias se davam em um espaço nacional específico e, talvez, em uma região de expansão cafeeira, na qual o editor pressentia um nicho de leitores.

Essas relações, em parte imaginárias, em parte concretas, do editor, do escritor e de parte do público com um texto ajudam a compreender alguns aspectos das relações que fundavam a produção, a circulação e o consumo de literatura no Brasil. Os primeiros leitores de “Confissões” ainda tiveram a chance de praticar leituras tensionadas, conflituosas. Para eles, ler era relacionar a narrativa com os suportes de publicação e, talvez, com as posições políticas liberais de seu autor. Ler era, a partir da leitura, discutir as práticas do partido liberal. Ler era praticar exercícios de relações do

texto com o próprio imaginário do que um texto deveria ser, incluindo aí noções de moralidade e de autoridade do mundo cultural francês. Ler era buscar instrução e recreio. Ler era correr o risco de se haver com o erotismo, a sedução.

A publicação em livro e a canonização de Machado acataram as concepções de uma prosa amena, quase poética, que, no entanto, foram (e são) somente uma entre as inúmeras maneiras de ler que historicamente foram possíveis em relação às “Confissões”.

8 Velhas leituras, novas tensões

Pesquisas a respeito das “Confissões” têm salientado três aspectos da presença dela na cultura letrada e na historiografia literária brasileira, a saber, (1) a polêmica ou falsa polêmica veiculada no *Correio Mercantil*¹⁶; (2) a edição da narrativa para os *Contos Fluminenses*, em 1870, na qual Machado suprimiu referências a Sainte-Beuve e a Marceline Desbordes-Valmore¹⁷; (3) a inserção das “Confissões” na contística machadiana¹⁸.

Depois de nosso trajeto, podemos ponderar o peso que se tem dado, nesse conjunto de reflexões, à hipótese de que os apedidos constituíam publicidade de Garnier no *Correio Mercantil*. Sem desconsiderar essa possibilidade, trabalhamos, com Brito Broca (1983), também a proposta de que os apedidos são peças de ataque ao

¹⁶ Raimundo Magalhães Jr. propôs que o conjunto de apedidos constitui falsa polêmica, paga pelo próprio Garnier para gerar publicidade para o *Jornal das Famílias* e para a narrativa de Machado. O objetivo seria alavancar a venda de assinaturas num momento de perdas financeiras, em razão da Guerra do Paraguai, então no seu início. Magalhães aponta elementos para a defesa de sua hipótese, entre eles, o fato de a polêmica ser publicada sempre nos dias posteriores à publicação do *Jornal* (ver “Falsa polêmica”, em *Machado de Assis vida e obra*, v. 1, 372-384). Jean-Michel Massa recolheu a polêmica em *Dispersos de Machado de Assis*, mas não incluiu o texto de Um Velho, reproduzido anteriormente, na seção 1 de nosso ensaio. Em 2008, Lúcia Granja sintetizou os debates em “Novas confissões sobre um conto polêmico de Machado de Assis”, artigo que parte dos trabalhos de Magalhães e Massa, além das reflexões de Maria Silvia de Azevedo, para postular a ideia, que, de outra maneira, nos guiou aqui, de que na polêmica se pode flagrar o processo de elaboração de uma “consciência das formas literárias em sua relação com o seu veículo e seu público”.

¹⁷ Zilberman, Regina. “Leitora de folhetim em um conto do Jornal das Famílias”. In: Bastos; Jobim; Secchin (Orgs.). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: Ed. UFF, 2008. p. 164.

¹⁸ Em 13 de fevereiro de 1870, o jornal *A Reforma* anunciou “delicadíssimos contos no gosto de Gautier e Nerval”. Depois da inserção como parte do volume, novas relações de leitura enquadraram as “Confissões” na contística machadiana como um todo e, mais recentemente, trabalhos como os de Silvia Maria Azevedo e Alexandra Pinheiro voltaram a pensar as relações entre a narrativa e o *Jornal das Famílias*.

jornalista liberal Machado de Assis, então atuando nos quadros do *Diário do Rio de Janeiro*. A partir disso, arriscamos hipóteses parciais e experimentais a respeito dos sentidos do ato de ler na expansão cafeeira pelo Vale do Paraíba e Oeste Paulista, bem como sobre a literatura em um jornalismo voltado ao mercado, mais do que a questões partidárias ou religiosas.

Pensamos ter evidenciado que os envolvidos na polêmica pensaram suas leituras a partir dos seguintes termos: uma narrativa, para ser elogiável, precisava – instruindo e deleitando – se adequar ao seu suporte; tinha que explicitar seu conteúdo moral (tanto mais caso fosse uma narrativa “bem composta”); e devia remeter a objetos culturais franceses.

Seria relevante saber se tais termos fazem parte de uma elaborada peça publicitária ou de um dissimulado ataque político; sendo isso impossível no atual momento das pesquisas, achamos interessante todavia mapear as posições explicitadas nesse raro encontro de tantas leituras. Sob esse aspecto, a função imediata que os modos de ler tiveram articula-se com outras funções, mais amplas e mais permanentes. Afinal, semelhantes modos de ler eram mobilizados há décadas – e continuariam a ser mobilizados por décadas – em resenhas, anúncios e comentários metaficcionalis. Isto é, de qualquer maneira, não conseguiríamos explicá-los observando somente a sequência de apedidos e sua função polêmica imediata. É como se tivéssemos acompanhado leitores se apropriando de modos de ler, mas, talvez principalmente, modos de ler se apropriando de leitores. Como eram aprendidos e disseminados esses modos de ler tão tenazes?

Àquela altura, argumentamos, esses modos de ler estavam suficientemente estabelecidos para efetivar certa autonomia em relação a qualquer função imediata. Até certo ponto, tornaram-se quase mandatórios em discussões sobre obras de ficção, fossem por propósitos morais, políticos, publicitários ou literários.

Essa dialética entre um acontecimento e uma estrutura, entre o passageiro e o duradouro, entre o poder e o novo, é objeto de discussão de diversos pesquisadores do

livro e da leitura¹⁹, uma discussão que, esperamos, apareceu, apesar dos nossos limites, como inquietação das nossas reflexões.

TRABALHOS CITADOS

- ABREU, Márcia. O Templo de Jatab: um romance licencioso publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. *Revista Floema*, n. 9, 2011. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/789>. Acessado em 09/02/2014.
- CANO, Jefferso; GRANJA, Lúcia (Orgs., int., notas). *Comentários da semana – Machado de Assis*. Campinas: Unicamp, 2008.
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FONSECA, Gondin. *Biografia do jornalismo carioca*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.
- GRANJA, Lúcia. Novas confissões sobre um conto polêmico de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, v. 1, n.1, jun. 2008.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996 e 1999. v.1 e 2.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. Falsa polêmica. In: _____. *Machado de Assis vida e obra*. Rio de Janeiro: Record, 2008. v.1. p. 372-384.
- MASSA, Jean-Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2011.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade: o Jornal das Famílias e sua rede de produção*. Tese (Doutorado em Letras) – Unicamp, Campinas, 2007.
- REVUE DES DEUX MONDES, quatrième série, t. 27, 1841, p. 779-790.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. In: *Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, 1, 2004. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.
- THERÈNTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2007.

¹⁹ Refiro-me a *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, de Wolfgang Iser. Nesse trabalho, Iser, em busca de uma teoria do efeito, o define como acontecimento liberado que precisa ser assimilado. Por meio de sucessivas transformações e combinações, o efeito se ajusta ao familiar, ao coerente, até ganhar um sentido, até se adequar a uma expectativa básica de “constantes de sentido”. Assim, o não-familiar se torna possível e o familiar permanece em modificação. Refiro-me também, já sob um ponto de vista histórico, às reflexões de Roger Chartier a respeito da tensão entre as estratégias de controle e gerenciamento de leitura, de um lado, e as estratégias de produção e invenção de leituras, de outro, bem como às reflexões dele a respeito das relações entre escrita e leitura, da produção social da possibilidade de um texto ser “literário”. Ver principalmente *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

ZILBERMAN, Regina. Leitora de folhetim em um conto do Jornal das Famílias. In: BASTOS; JOBIM; SECCHIN (Orgs.). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: Ed. UFF, 2008.

Na Hemeroteca Digital Brasileira:

Revista Popular.

Jornal das Famílias.

Correio Mercantil.

Diário do Rio de Janeiro.

Atilio Bergamini é professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Ceará. Em mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em doutorado na mesma instituição, com estágio sanduíche na Yale University, pesquisou Machado de Assis, a imprensa do século XIX e efeitos estéticos na sociedade escravista brasileira. Em pós-doutorado em Teoria Literária na Unicamp, estudou o início da disseminação de romances na imprensa brasileira do século XIX. Atualmente, desenvolve pesquisas a respeito de escravos que sabiam ler e escrever. Contato: atiliobergamini@gmail.com

Artigo recebido em 14/07/2016. Aprovado em 20/07/2016.